



Inclusão Digital na Educação de Jovens e Adultos: Uma análise em um município do estado de São Paulo

Matheus Augusto Mendes Amparo¹

Klaus Schlünzen Junior²

Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti³

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa exploratória, realizada no ano de 2012 que teve como intuito, a identificação da existência de um trabalho que possa contribuir para a inclusão digital em salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em um município do estado de São Paulo. Neste sentido, escolhemos aleatoriamente 4 escolas que atendam a EJA para a realização de observações pelo período de 4 meses. Para isso, elaboramos 3 tipos de categorias de análise para que houvesse uma melhor sistematização do que pretendíamos observar. Por fim, a partir das observações elaboramos um roteiro de questões, referentes ao que observamos e então realizamos entrevistas semiestruturadas com as professoras das 4 salas e com 10% dos alunos de cada sala. Diante disto, os resultados finais apontam para uma situação preocupante, visto que pudemos perceber que as professoras realmente não têm proporcionado à inclusão digital. Já as entrevistas com elas, mostraram que elas não possuem também uma base acerca das tecnologias e certamente por isso não conseguem construir tais conhecimentos com os

¹ Mestrando pelo P.P.G. em Educação pela F.C.T. – UNESP. E-mail: matheus_mendes17@hotmail.com

² Docente do Departamento de Estatística da F.C.T. – UNESP – E-mail: klaus@fct.unesp.br

³ Docente do Departamento de Educação da F.C.T. – UNESP – E-mail: fatimarotta@fct.unesp.br



educandos. Por fim, as entrevistas com os estudantes, evidenciaram o interesse deles pela inclusão digital, mas que infelizmente nestas salas pesquisadas ainda está longe de acontecer.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Inclusão Digital; Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de una investigación exploratoria, celebrada en el año 2012 que tenía como objetivo la identificación de la existencia de una obra que puede contribuir a la inclusión digital en jóvenes y adultos (EJA) en un municipio de Brasil. En este sentido, hemos elegido al azar 4 escuelas que satisfagan la EJA observaciones durante un período de 4 meses. Con este fin, hemos desarrollado tres tipos de categorías de análisis para una mejor sistematización de lo que observamos. Finalmente, de las observaciones, hemos desarrollado un guión de preguntas, sobre las que observamos y entonces llevamos a cabo entrevistas semiestructuradas con los maestros de las 4 habitaciones y con un 10% de los estudiantes de cada habitación. En esto, los resultados finales señalan a una situación preocupante, ya que nos damos cuenta de que los maestros no han proporcionado la inclusión digital. Puesto que las entrevistas con ellos, demostró que también no tienen una base de información sobre tecnologías y ciertamente así no puede construir esos conocimientos con los estudiantes. Finalmente, las entrevistas con estudiantes, mostraron su interés por la inclusión digital, pero desafortunadamente en estos cuartos encuestados dista todavía sucede.

Palabras clave: Educación de adultos y jóvenes; Inclusión digital; Tecnologías de información y comunicación digitales.



INTRODUÇÃO

De acordo com autores como Valente (2005) e Moran, Masetto, Behrens (2000), estamos atualmente vivendo sob uma nova configuração social que está sendo chamada de Sociedade da Informação e do Conhecimento que se iniciou a partir da representação da informação em forma digital e do avanço da internet e das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

Esta nova configuração, de acordo com Barreto (2005), ocasionou uma reorganização da cultura mundial, em relação à comunicação, trazendo muitas transformações no meio tecnológico, organizacionais, geopolíticas, comerciais e financeiras, institucionais, culturais e sociais e que tem culminado para a passagem de uma cultura analógica à digital.

Deste modo, percebemos que a sociedade contemporânea tem absorvido rapidamente as tecnologias, e essa absorção, além de acelerada, é presente em todas as esferas sociais. Por exemplo, se vamos ao banco, é preciso ter pelo menos uma noção básica de tecnologia para conseguir utilizar os caixas eletrônicos, nas fábricas há também muitos equipamentos tecnológicos substituindo a mão de obra humana ou o maquinário antigo. Existem também as máquinas de lavar que estão ficando digitais, os micro-ondas, há também os celulares, câmeras fotográficas, a própria TV que está se modernizando dia após dia, possuindo diversas opções, e principalmente a infinidade de facilidades existentes no uso do computador como a realização de compras virtuais, consulta a conta do banco, comunicação instantânea com qualquer parte do mundo, e mais um grande leque de opções, tudo em alta velocidade e sem precisar sair de casa. Estas informações são produzidas e consumidas numa velocidade extraordinária pelo ser humano, contudo, é importante conhecermos estas novas características que permeiam o mundo atual para podermos participar ativamente deste novo tipo de sociedade.

Em função disto, Gomes (2002) salienta que tornou-se essencial a inclusão da informática na vida das pessoas, seja por meio de cursos, seja por professores particulares, mas principalmente nas atuações efetivadas nas escolas. Deste modo, os professores podem e devem pautar-se em uma nova prática pedagógica que utilize as TDIC para potencializar o ensino, a construção do conhecimento, de valores e, conseqüentemente, a adesão de seus alunos à atualidade (Almeida, 2001).



Todavia, é preciso considerar que para a educação infantil, ensino fundamental e médio atualmente, as crianças e adolescentes que fazem parte já nasceram no cerne desta nova era e o contato que eles possuem com as tecnologias é maior e certamente mais significativo e presente do que para adultos e idosos da Educação de Jovens e Adultos. Neste sentido, segundo Franco (2003), é nesta modalidade de ensino que se tem mais dificuldade em implantar a inclusão digital e também onde mais deveria ter atenção, o que gera muitos desafios e discussões. Estes indivíduos já estão excluídos da sociedade por não saberem ler e escrever e com o advento das tecnologias, estes sujeitos se tornam também excluídos digitalmente. Com isso, fazer com que eles tenham acesso às TIC permitirá a adesão à atualidade e também desenvolverem competências para a sua utilização como um auxílio no processo de ensino e aprendizagem.

Nesta perspectiva, deparamo-nos com a seguinte indagação: Será que nas escolas do município X no interior do estado de São Paulo, que possuem EJA, ocorre uma inclusão digital ou uma prática educativa que promova a inserção dos seus educandos na Sociedade da Informação e Conhecimento?

Diante deste questionamento surgiu o anseio pela busca desta resposta que se concretizou com a realização de uma pesquisa exploratória no ano de 2012, que teve como objetivo a identificação da existência de um trabalho que possa contribuir para a inclusão digital em salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) deste município no Brasil. Sendo assim, neste artigo apresentaremos os resultados desta pesquisa juntamente com uma discussão a respeito deste tema.

Metodologia

a) Caracterização do Estudo

O presente trabalho caracteriza-se como sendo uma ‘pesquisa exploratória’, que segundo Gil (1999), tem por objetivo criar uma maior familiaridade com o problema, com o intuito de torná-lo mais claro e então construir hipóteses e coletar dados que, no caso, servirão para



subsidiar uma nova pesquisa de participação e acompanhamento, visando uma intervenção significativa e eficiente para a superação dos problemas apontados.

b) População e Amostra

A população foi formada por professores (as) de instituições de ensino da rede pública de um município do interior do Estado de São Paulo - Brasil, que atuam na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos no primeiro segmento, sendo selecionados cinco destes profissionais para a composição da amostra, tendo como critério de escolha suas participações em escolas nas quais faziam parte da parceria entre a Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP e a Secretaria de Educação do município X, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID, no qual atuávamos como bolsista e com isso já havia certo vínculo e liberdade com tais profissionais. Além dos professores, tivemos como população, 10% dos estudantes de cada uma das quatro salas em que lecionavam estas professoras, que foram selecionados por sorteio.

c) Procedimentos e Instrumentos

Para a composição da amostra foi solicitada à Secretaria de Educação do município X, uma lista contendo o número de escolas que oferecem Educação de Jovens e Adultos, bem como a autorização para a realização da pesquisa nas Instituições Municipais de Ensino, onde será o local de pesquisa. Enviámos também para a SEDUC e em seguida para os diretores destas instituições um termo de consentimento livre e esclarecido contendo informações referentes à participação dos docentes e discentes no estudo, que são a população da pesquisa.

Após este processo, a pesquisa de campo iniciou e contou com três etapas até sua concretização, utilizando distintos instrumentos para tal:

1ª Etapa: Realização de uma entrevista estruturada, instrumento no qual o investigador segue um roteiro com questões fechadas sobre o assunto, sem apresentar qualquer flexibilidade na hora de sua aplicação, tendo que ser seguida corretamente do início ao fim (Manzini, 1991).

Sendo assim, elaboramos um roteiro de perguntas no qual acreditamos ser capaz de fornecer condições para que possamos dar continuidade a respeito da discussão em torno da formação



docente em prol da inclusão digital na Educação de Jovens e Adultos. A entrevista aconteceu com todos os professores de EJA destas escolas escolhidas.

2ª Etapa: Da posse dos dados obtidos pela entrevista sobre o número de professores que utilizam a sala de informática e recursos tecnológicos em suas aulas, escolhemos uma sala para a realização de uma observação que, conforme salienta Marconi e Lakatos (2003), colabora para a verificação e coleta de dados específicos sobre a situação pesquisada, proporcionando um contato mais direto com o estudo e o comportamento dos indivíduos que fazem parte. As observações serviram para descobrir se os educandos estão sendo inclusos digitalmente através da prática da educadora e foram realizadas pelo período de um semestre de forma planejada, na qual justificase pelo fato do investigador já possuir um eixo condutor, sabendo o que quer analisar e isto se deu de forma global, visto que todo o ambiente é essencial para a análise e não somente as situações individuais.

3ª Etapa: Realização de uma entrevista semiestruturada com 10% dos estudantes de cada uma das salas com perguntas relacionadas à inclusão digital e às observações que foram feitas.

d) Análise de Dados

Para a análise dos dados utilizámos primeiramente a estatística descritiva que, como descreve Huot (2002: 60), é “o conjunto das técnicas e das regras que resumem a informação recolhida sobre uma amostra ou uma população, e isso sem distorção nem perda de informação”. Reis (1996) ainda salienta que na Estatística Descritiva é possível construir quadros, gráficos e indicadores numéricos por meio dos dados obtidos na coleta de dados e, posteriormente, na sua análise e interpretação. Assim, estes dados foram tabulados mecanicamente no programa Excel, da suíte Office da Microsoft.

Utilizamos também para a análise das observações e das entrevistas, a análise de conteúdo, que segundo Moraes (1999a), se refere a um tipo de método de análise de dados utilizado para descrever e interpretar as informações obtidas a fim de alcançar uma reinterpretação subjetiva e uma compreensão significativa para superar a leitura comum dos fatos.

2.2 Resultados e Discussão



a) Categorização

Após a realização das entrevistas todas as respostas foram transcritas no computador para que então fosse iniciado a análise das mesmas. Assim, durante as primeiras leituras, decidimos criar duas categorias, amparados em Bardin (1977) e descritas no Quadro 1, para que pudéssemos apresentar de uma melhor forma a análise da entrevista com as professoras.

Quadro 1 – Categorias de Análise 1

Categorias de Análise:	Sub-Categorias:
a) Formação	1. Formação Inicial; 2. Formação Continuada.
b) Inclusão Digital	1. Concepção; 2. Importância na EJA; 3. Ações.

A respeito das observações, elas foram escritas em um diário de campo ao final de todas as aulas, tendo como base as seguintes categorias apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Categorias de Análise 2

Categorias de Análise:	Analisou-se:
a) Comportamento da Professora	1. Se sua explicação é clara. 2. Se domina o conteúdo. 2. Se atende a todos os alunos.
b) Comportamento dos estudantes.	1. Interesse pelas aulas. 2. Se conseguem adquirir o conhecimento pretendido pelo programa.

Já com relação à entrevista com os estudantes, elencamos as categorias do Quadro 3 para fazer a análise de conteúdo.

Quadro 3 – Categorias de Análise 3

Categorias de Análise:
Importância/Interesse pela Inclusão Digital
Dificuldades com a informática



Preparação para o uso das tecnologias.

b) Entrevista com as Professoras

Tendo em vista as categorias elencadas anteriormente, iremos apresentar os relatos das entrevistas de cada categoria e subcategoria, seguida de suas análises.

A primeira é a categoria 'Formação', na qual o objetivo foi identificar a relação entre a formação das professoras com o seu nível de conhecimento sobre as tecnologias. A segunda é a categoria 'Inclusão Digital' que teve o intuito de descobrir qual a opinião das professoras a respeito da inclusão digital, mais especificamente no âmbito da EJA e também identificar se elas desempenham alguma ação que promova a inclusão digital de seus estudantes.

Formação

a) Formação inicial

Quadro 4 – Respostas das perguntas: Qual a sua formação acadêmica e o ano de conclusão? (Q1) e Na sua graduação, existiu alguma disciplina que abordasse sobre a utilização das tecnologias na educação? (Q2)

Entrevistados	Respostas Q1	Respostas Q2
P1	Licenciatura em Pedagogia (2009)	'não'
P2	Magistério (2003) e Licenciatura em Matemática (2007)	'pouco, nada muito aprofundado'
P3	Licenciatura em Pedagogia (1999)	'nenhuma'
P4	Magistério (1993) e Licenciatura em Pedagogia (2005)	'não'
P5	Magistério (1996) e Licenciatura em Geografia (2010)	'não'

b) Formação continuada

Quadro 5 - Respostas das perguntas: Você já realizou algum curso de informática? (Q3) e Qual você considera ser o seu nível de conhecimento em informática? (Q4)



Entrevistados	Respostas Q3	Respostas Q4
P1	'sim'	'intermediário'
P2	'somente um curso básico'	'básico'
P3	'sim'	'razoável'
P4	'Só formação na rede'	'básico, sei mais ou menos'
P5	'Sim, formação na rede'	'básico'

Inclusão Digital

a) Concepção

Quadro 6 – Respostas da pergunta: Para você, o que é inclusão digital? (Q5)

Entrevistados	Respostas Q5
P1	'Possibilitar acesso às tecnologias, saber usar, ter autonomia.'
P2	'Incluir todos para que tenham acesso, usufruir dos benefícios.'
P3	'Acho que é isso aí, informatização de tudo, tudo digital.'
P4	'Ter acesso ao mundo digital da informática.'
P5	'Capacitar para mexer com instrumentos, todas as escolas tem computador, é preciso concretizar.'

b) Importância na EJA

Quadro 7 – Respostas da pergunta: Você acredita ser importante a inclusão digital na EJA? Por quê? (Q6)

Entrevistados	Respostas Q6
P1	'Sim, mecanismo que ajuda em vários momentos, como a pesquisa, a alfabetização.'
P2	'Sim, por que eles vêm com autoestima baixa, é importante, eles têm muito interesse.'
P3	Sim, fundamental. Era da informática. Quem não sabe, quer aprender.



	'
P4	'Sim. Por que ajuda ampliar conhecimentos,'
P5	'Sim, ter acesso a esse instrumento, pessoa especializada para ensinar, pessoa apta.'

c) Ações

Quadro 8 – Respostas da pergunta: Você faz algo para promover esta inclusão? (Q7)

Entrevistados	Respostas Q7
P1	'Sim, levar duas vezes por semana, ser bem explicativa. Letra maiúscula, continuidade do que é feito na sala.'
P2	' Atividades com ajuda da estagiária.'
P3	' Fazia muito pouco. Não sei qual o início, como começar...'
P4	'Sim, levava na sala, dava ditado no computador, nomes próprios.'
P5	'Sim, levando na sala para fazer pesquisas.'

Análise

No que se refere à subcategoria formação inicial, podemos perceber que a maioria dos entrevistados tiveram sua primeira ou segunda formação realizada recentemente. Todavia, o que nos chama a atenção é o fato da maioria afirmar que em seus cursos não tiveram nenhuma disciplina que fornecesse uma base para trabalharem com os recursos tecnológicos. Ora, isso é um dado alarmante, pois todos os cursos de licenciatura deveriam ter em sua grade disciplinas que ao menos dessem o básico de conhecimento para futuros professores sobre como utilizar a tecnologia na educação.

Com relação à subcategoria Formação continuada, encontramos uma situação melhor, já que todos os entrevistados afirmaram que já realizaram algum tipo de curso de informática, seja por meios próprios ou fornecidos pela rede de ensino. No entanto, ao serem questionados sobre o seu nível de conhecimento em informática, a maioria diz ter apenas o básico, o que pode ser um fator determinante em uma inclusão digital significativa ou não, pois é necessário que o professor



tenha conhecimentos amplos sobre tudo o que diz respeito às tecnologias para então utilizá-los com mais segurança aos estudantes. E Freire (2001), já dizia que o educador deve se manter sempre atualizado e nunca estacionar, acreditando que o seu conhecimento é suficiente. Portanto, principalmente em função das tecnologias estarem em constante avanço, o professor deve estar atento a todas estas mudanças para procurar sempre ser ‘um homem do seu tempo’ (Freire, 2001: 198).

Por fim, na primeira e segunda subcategoria da categoria Inclusão Digital vemos que todos possuem pelo menos uma visão do que é a inclusão digital e da sua importância para a EJA. Entretanto, ao serem perguntados sobre o que eles fazem para promover esta inclusão, percebemos que ainda é um pouco vago para eles as diversas possibilidades existentes no uso das tecnologias, talvez em razão de suas próprias formações iniciais como já apresentamos anteriormente e também da formação continuada. Isto é mais evidenciado no relato de P3, que diz não saber como iniciar esta prática e o de P2 que só fazia algo quando havia uma estagiária para auxiliar.

c) Observações

Categoria A - Comportamento da Professora

Com relação às observações feitas, foi possível perceber de maneira geral que a professora não possui um conhecimento necessário para poder transmitir os conteúdos relacionados a Informática. Assim, os alunos quando levados à sala de Informática, ficavam à mercê, sem saber o que fazer, e por isso acabavam apenas jogando joguinhos do computador, salvo algumas poucas tentativas das professoras em passar um texto na lousa e pedir para eles digitarem.

Do mesmo modo, ela deixava de atender ao chamado dos alunos, deixando-os sempre com dúvidas e sem assistência. Além disso, ela demonstrou não ter muito domínio do conteúdo, pois diversas vezes ela se atrapalhava na explicação ou deixava de responder algumas questões levantadas pelos alunos.

Categoria B - Comportamento dos estudantes



Os estudantes demonstraram inicialmente muito interesse e motivação pelo curso de Informática. Porém, ao longo dos meses, este interesse foi substituído por sentimentos de frustração e desmotivação, em razão de todos os problemas relatados anteriormente. Inclusive, muitos estudantes se recusaram a receber o diploma oferecido ao final do curso, pois diziam-se que o que mais importava para eles era realmente aprender e não simplesmente receber um diploma.

d) Entrevista com os Estudantes

Iniciaremos esta seção apresentando o perfil dos estudantes entrevistados (Quadro 9) para que possamos fazer um panorama geral desta população. Em seguida, apresentaremos os resultados da análise de conteúdo feita por meio das Entrevistas.

Quadro 9 – Perfil dos Estudantes Entrevistados:

Participantes	Gênero	Idade	Profissão
E1	Masc.	26 ^a	Ajudante de Fábrica
E2	Masc.	48 ^a	Auxiliar de Pedreiro
E3	Masc	37 ^a	Ajudante de Fábrica
E4	Masc	57 ^a	Pintor
E5	Fem.	72 ^a	Pensionista
E6	Fem.	38 ^a	Auxiliar de Cozinha
E7	Fem.	65 ^a	Vendedora de roupa
E8	Fem.	45 ^a	Doméstica

O quadro evidencia o fato de a maioria dos alunos da EJA possuírem 40 anos em diante. Em razão disto, podemos perceber que realmente na época em que estavam na infância e adolescência, as tecnologias não eram influentes como são nos tempos atuais. Por isso é tão importante que haja este trabalho de inclusão, já que as crianças e os adolescentes nascidos após a década de 90, já nascem no cerne desta nova era e, conseqüentemente, sua aprendizagem com relação às tecnologias é mais fácil.

**Quadro 10 - IMPORTÂNCIA/INTERESSE PELA INCLUSÃO DIGITAL (23 respostas):**

Sub-Categoria	Frequência	Unidade de Registro
Atualizar-se	16	'É importante, porque vivemos em um mundo tecnológico, não sabendo utilizá-los seremos desatualizados.'
Mercado de Trabalho	4	'Coisa nova, dar uma renovada. Muito importante para o trabalho. ' 'Interesse mais pelo trabalho. '
Outros (Pesquisa, jogos, internet, celular, usar aparelhos eletrônicos)	3	'O interesse é saber ligar e mexer no computador para fazer uma pesquisa, jogar, conectar na internet, etc.' 'Aprender a mexer mais no celular. Eletrônicos. Aparelhos eletrônicos mesmo com manual não consigo. '

Quadro 11 - DIFICULDADES COM A INFORMÁTICA (17 respostas):

Sub-Categoria	Frequência	Unidade de Registro
Leitura	4	'Não saber ler. ' 'Letra pequena, se enxergasse melhor. '
Usar o mouse	4	'Tudo é novo mas a maior dificuldade mesmo é usar o mouse.'
Usar o teclado	5	'As teclas para digitar. Não sei fazer nada.'
Outros (Ligar/Desligar; Fazer pesquisas; Usar E-mail.)	4	'Não sei mexer, não tenho conhecimento. Falta aprender fazer pesquisa, mexer em e-mail.'

Quadro 12 - PREPARAÇÃO PARA O USO DAS TECNOLOGIAS (14 respostas):



Sub-Categoria	Frequência	Unidade de Contexto
Professor não ensina direito	4	'Só liga o computador, não explica, como faz. É a mesma coisa, só escrevo o nome dos meus filhos.'
Não se sente preparado	7	'Ainda não, falta aprender muito mais para o trabalho e residência. ' 'Não, não sei nem ligar o computador. '
Só aprendeu o básico	1	'Ainda não, estou aprendendo só o básico. Para ser preparado tem que fazer um curso mais avançado.'
Não teve aulas de informática	2	'Não tive aula ainda'

Análise:

Na categoria 'IMPORTÂNCIA/INTERESSE PELA INCLUSÃO DIGITAL' é possível perceber que a maioria das respostas nos mostram que os estudantes querem aprender as tecnologias para se atualizarem e não tanto em função do mercado de trabalho. A interpretação que fazemos a respeito disso é que em função da maioria dos entrevistados possuírem mais de 40 anos, o interesse pelas tecnologias se refere a situações que para nós são simples como, por exemplo, utilizar o caixa eletrônico.

Ora, a maioria dos cursos, e até mesmo as ações de professores atualmente, pecam por justamente abordar o uso das tecnologias voltado para o trabalho e de forma mecânica. Todavia é preciso considerar que como estes indivíduos deve haver muitos outros que possuem necessidades diferentes, tal como dificuldades, que no caso da categoria 'DIFICULDADES COM A



INFORMÁTICA', identificamos ao menos 3 dentre as maiores dificuldades destes sujeitos, como a utilização do mouse, do teclado e a leitura da tela.

Estas são dificuldades que para qualquer criança ou adolescente é facilmente superada, mas é de suma importância considerar a idade e a história de vida destes sujeitos. Cabe ao professor ou ao instrutor saber discernir isto e pautar-se em uma prática que atenda a necessidade de cada um. Desta forma a aprendizagem será muito mais significativa e proveitosa.

E foi justamente sobre a prática dos professores, que na categoria 'PREPARAÇÃO PARA O USO DAS TECNOLOGIAS', a maioria dos entrevistados alegaram que não se sentem preparados para utilizar as tecnologias, evidenciando o fato dos professores não ensinarem direito. Além disso, dois dos entrevistados ainda afirmaram que não possuem ainda sequer aulas de informática o que é mais grave ainda, pois nos mostra que não há nenhum resquício de Inclusão Digital.

Neste sentido, todos estes relatos nos mostram o quão é deficiente a situação sobre Inclusão Digital nestas salas de EJA deste município do Brasil e o quanto ainda precisa ser feito para mudar este panorama para que num futuro próximo estas pessoas possam gozar de uma Inclusão não só Digital, mas também social e assim poderem participar ativamente desta nova sociedade em que vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa trouxe dados relevantes sobre o atual cenário da inclusão digital no país, todavia, mais especificamente na modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos que como vimos, é formada por jovens, adultos e idosos, que não tiveram a oportunidade de escolarizar-se na idade certa e hoje a procuram com grandes expectativas, mas que nem sempre são concretizadas, como no caso deste curso de Informática, no qual em seu início estavam motivados, mas ao final, desanimaram, e os relatos das entrevistas indicaram que todos reconhecem a importância de saber utilizar as tecnologias e se incluírem no mundo digital.



Isto começou a se evidenciar a partir das observações que foram feitas nas salas de aula, na qual parte das professoras não levavam nada referente às tecnologias, já outras, ao menos tentavam transmitir algo levando-os à sala de Informática, porém, pecando muito nos conteúdos abordados.

Freire (2001) nos alerta sobre isso, ou seja, para o educador tomar cuidado para não oferecer uma educação meramente mecânica das tecnologias. É preciso que haja um significado por trás do uso das tecnologias e que elas possam de alguma forma contribuir não só para o processo de ensino e aprendizagem, como também na vida pessoal e profissional destes indivíduos.

Sobre a necessidade de se aprender tal prática relacionada às tecnologias e à inclusão digital, as entrevistas evidenciaram que os sujeitos entendem ser muito importante adquirir estes conhecimentos e a existência de aulas na sala de Informática. Além disso, também é possível perceber o descontentamento deles perante as aulas e a afirmação da maioria de que não se sentem preparados para a utilização das tecnologias, devido a inúmeros fatores como a falta de comprometimento dos professores, problemas na vista e falta de um maior acompanhamento na execução das atividades propostas.

Com relação à entrevista dos professores podemos perceber que todos acreditam ser importante a inclusão digital dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, todavia, acreditamos que pelo fato da maioria considerar possuir um conhecimento básico de informática e também em sua formação não terem existido disciplinas ou cursos relacionados às tecnologias, é que não conseguem transmitir com mais propriedade estas informações a seus alunos, como vimos no Quadro 7.

Entretanto, Freire (1982) nos diz que o 'educador há que viver como um ser molhado do seu tempo'. Ou seja, ele precisa estar sempre atualizado e mesmo não havendo disciplina em seus cursos de graduação, eles poderiam procurar por si mesmos tal formação.

A pesquisa ainda aponta a necessidade de haver mudanças de paradigmas no ensino das TIC, principalmente neste caso da EJA, pois mesmo que haja computadores em diversas escolas, estes não são sinônimos de que haverá uma inclusão digital significativa já que, infelizmente, é



comum haver o pensamento que para incluir digitalmente, é preciso somente dar oportunidade para as pessoas terem contato com os computadores.

Diante disso, podemos concluir que a inclusão digital na Educação de Jovens e Adultos neste município do interior do estado de São Paulo – Brasil está longe de ser uma realidade a promover a real inserção destes indivíduos na sociedade tecnológica, o que é muito grave, uma vez que eles já estão em uma situação de exclusão social e com o advento desta nova era se encontram também em exclusão digital.

Portanto, é preciso que todos estes dados sejam levados em consideração para que a inclusão digital possa realmente possibilitar aos estudantes adquirir sua identidade e seu espaço no mundo atual, tornando-se assim um cidadão produtivo e realizado, já que:

(...) é preciso formar os indivíduos para uma nova cidadania, que possam ser capazes de participar efetivamente da vida social e política, assumindo tarefas e responsabilidades. Mas um cidadão ou cidadã que saiba se comunicar nos mais diferentes níveis, dialogar num mundo interativo e interdependente, impregnado dos instrumentos de sua cultura, utilizando-os para sua emancipação, transformação, libertação e transcendência. Acreditamos que caberá à educação desenvolver competências fundamentais no sentido de capacitá-lo para assumir o comando da própria vida, para uma participação mais direta, efetiva e responsável na vida em sociedade. Educá-lo para que seja membro de uma cultura moderna, capaz de integrar o sistema produtivo fazendo uso dos insumos e produzindo em harmonia com o seu meio natural e social. Educá-la para que seja um consumidor consciente, capaz de tomar posse das informações produzidas no mundo e que afetam sua vida como cidadã (MORAES, 1999b, p. 136).

Referências Bibliográficas

Almeida, M. E. B. **Educação, projetos, tecnologia e conhecimento**. São Paulo: Proem. 2001

Barreto, A. M. Informação e Conhecimento na era Digital. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n.2, pp. 111-122, mai/ago. 2005.

Bardin, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Reto, L.; Pinheiro, A. Lisboa: Edições 70. 1977.

Brasil. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília. 1996.



Franco, M. G. **Inclusão Digital: Uma proposta na alfabetização de jovens e adultos**. IX Workshop de Informática na Escola. WIE. 2003.

Freire, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo, Cortez/Autores Associados. 1982

Freire. **Educação como prática da liberdade**. 25.ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo: Atlas. 1999.

Gomes, N.G. Computador na escola: novas tecnologias e inovações educacionais. In: M. L., Belloni (Org). **A formação na sociedade do espetáculo**. p. 119-134. São Paulo: Loyola. 2002.

Huot, R. **Métodos quantitativos para ciências humanas** (tradução de Maria Luísa Figueiredo). Lisboa: Instituto Piaget. 2002.

Manzini, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, pp. 149-158. (1990/1991).

Marconi, M.A., Lakatos, E.M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

Moraes, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32. 1999a.

Moraes, M. C. Novas Tendências para o uso das Tecnologias da Informação na Educação. In: I Fazenda, I. et al. (Org.) **Interdisciplinaridade e novas tecnologias**. p. 121-154. Campo Grande, Ed: UFMS. 1999b.

Moran, J. M.; Masetto, M. T.; Behrens, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus. 2000.

Reis, E. **Estatística descritiva**. Lisboa: Edições Sílabo. 1996.

Valente, J. A. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. O papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (Org.). **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed. 2005.